Sem receio de (re)agrupar pedras
Espetáculo infantojuvenil da Cia. Girasonhos, "Os Meninos e as Pedras", trata de crianças em disputa num território em guerra real

Por Leidson Ferraz
Crítico convidado

Há muitas frentes de batalha no teatro voltado a crianças e jovens. Numa delas está inserida a Cia. Girasonhos, da cidade de São José do Rio Preto/SP, que pretende continuar a produzir peças para esse público indo muito além do entretenimento. "Gosto de escolher temas que digam algo a mais, que faça com que as plateias possam enxergar o mundo de outra forma", me confessou a atriz e produtora à frente da companhia paulista, Cibele Sampaio. "Os Meninos e as Pedras", espetáculo que pude ver durante a programação do FIT Rio Preto 2025, no Teatro Municipal Nelson Castro, é um exemplo de coragem da equipe. Afinal, traz como terreno os conflitos disseminados por gerações entre árabes e judeus. No palco, apenas dois intérpretes, a própria Cibele Sampaio e seu mais novo parceiro, o ator Luiz Thiago Motta. A direção é da dupla Drika Vieira e Carlinhos Rodrigues, convidados da cidade de Catanduva/SP, líderes da veterana Cia. Casa Amarela, também dedicada ao teatro para as infâncias.

O belo texto do também paulista Antônio Rogério Toscano surpreende pela maneira inteligente como trabalha com analogias, com uso de pedras e quintais imaginários, em relação à guerra na Faixa de Gaza, região bélica há mais de um século. As discordâncias religiosas e político-territoriais entre uma menina palestina, Fátima, e um garoto judeu, Yonatan, não são ocultas, pelo contrário, vão se desnudando com uma contundência que até pode chocar (o autor, inclusive, não se intimida de ser didático em certos trechos, abordando fatos com precisão documental), mas tudo recheado com a delicadeza - desconcertante, como costumam fazer crianças sem filtro de autocensura - de meninos que conversam e brigam/brincam numa área compartilhada. Isso porque não há meias verdades a serem ditas. Ambos carregam as influências recebidas por seus familiares adultos e despejam as informações que receberam e as crenças que aprenderam a cultivar; ele, a partir de certo trecho, até traz consigo uma arma militar para intimidação.

A montagem de "Os Meninos e as Pedras" pela Cia. Girasonhos surgiu em 2013, fez uma série de apresentações por anos, mas teve que parar por substituição do ator Márcio Muniz. Retomada em 2024, agora tendo a participação de Luiz Thiago Motta, a peça cumpriu somente três sessões até então, mas o objetivo é favorecer carreira mais longa, mesmo diante de todos os desafios a enfrentar. "Esse é um texto que mora no meu coração e já que o conflito, infelizmente, se intensificou em Gaza, acho importante que as crianças conheçam o assunto, mesmo sendo ele aparentemente bem distante de nós", me disse Cibele Sampaio, certa de que aborda um tema espinhoso, que pode até sofrer rejeição de pais e educadores, mas se mostra disposta a "carregar pedras" para ampliar o olhar da meninada no que acontece neste planeta. Afinal, a obra não deixa de ser um tratado de paz, ainda que - pelo menos até o momento em que escrevo este texto e acompanho notícias reais do mundo - aparentemente utópico. O seu final não esconde isso.

A encenação é bem respeitosa à dramaturgia, valorizando-a ao extremo, inclusive na divisão dos atos e no ressalte das frases duramente poéticas que recheiam a trama. Questões como o perigo constante de ataques suicidas, da presença diária de artilharia pesada contra o inimigo, da voz surda que grita silêncios na intenção de atenuar tristezas, do poder saber reconectar-se com os mortos e até do direito de brincar com o único elemento à mão numa terra arrasada (pedras que ganham nomes em divisão espacial libertária), passeiam com muita contundência no encontro entre as duas crianças. Cibele Sampaio e Luiz Thiago atingem um "estado de meninice" sem tropeçar no adocicar das vozes, mas precisam estar sempre atentos a isso; ele, inclusive, prestando mais atenção à dicção no falar apressado, sem esquecer dos plurais. Mas ambos estão verdadeiramente conectados àquela infância ainda em resistência, mesmo numa aterradora situação de quase desesperança.

Como contribuição ao trabalho, vale destacar melhor a ribalta de pedras brancas dolomita através da iluminação de Guido Caratori - que, por sinal, é bem bonita, favorecida pelo efeito de neblina quase constante -; reavaliar se uma frase em específico merece continuar ali, "Preto combina com tristeza"; e reconsiderar a cena em que o menino põe o braço no ombro da menina, estando eles de costas para o público. Por ser um momento tão raro de contato físico, talvez o tempo da situação e o constatar dela careça de maior poeticidade, numa conquista menos abrupta. Mas esses são apenas detalhes num conjunto que extrapola ortodoxias e nos faz ver o quanto podemos ser diferentes e iguais no grande quintal lúdico e compartilhado que merece ser este mundo.

Julho/2025